



Miss LAURETTE TAYLOR, artista americana

II SÉRIE - N.º 594

(Cliché Davis & Sanford, New-York)

LISBOA, 9 de Julho de 1917

***** **Ilustração Portuguesa** *****

PORTUGAL, COLONIAS PORTUGUEZAS E HESPAÑHA
Assinatura Trimestre, 1945 ctv.—Semestre, 2990 ctv.—Ano, 5980 ctv. **Numero avulso, 12 centavos**
 Numero avulso em todo o Brazil, 700 reis

Edição semanal do jornal **O SECULO**
 Director—J. J. da Silva Graça
 Propriedade de J. J. da Silva Graça, Ltd.
 Editor—José Joubert Chaves
 Redacção, administração e officinas: Rua do Senado, 42—LISBOA

TELEFONE 134 NORTE

Pedro Sanchis

Motores, Dinamos,
Reconstruções e reparações
de maquinaria electrica
Instalações

LISBOA Largo do Intendente, 38, 39

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME

Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quíromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenligny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimen-

tos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, Inglês, alemão, Italiano e hespanhol. Dá consultas diárias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 reis, 2\$500 e 5\$000 reis.



A ave pode voar com a maior rapidez não havendo perigo porem de perder a caça quando se conta com a distribuição exacta, velocidade e penetração dos cartuchos

“REMINGTON” Experimente-os

feitos nos calibres 12, 16, 20, 24, 28, 32 (14 m/m) e 36 (410 ou 12 m/m).

Obtiveis por intermedio dos principaes commerciantes em todas as partes—enviamos catalogo gratis a quem o solicitar.

Remington Arms-Union Metallic
Cartridge Company
Woolworth Building, Nova-York
E. U. A. do N.

AGENTE EM PORTUGAL: G. Heltor Ferreira L. do Camões, 3—Lisboa

Fotografia

TELEFONE:
Gutenberg 42-09

ASCENSOR

A MAIS ANTIGA DE PARIS — AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
21, Boulevard Montmartre — PARIS

Reutlinger



Tem cabelos brancos?

Se os quer vêr outra vez da sua primitiva cor, não use a primeira tintura que lhe aconselhem, isso pôde ter inconvenientes maiores do que su põe: cair-lhe o cabelo, ter irritações de pele e até envenenamentos. Ao contrario, a

JUVENIA

que não é tintura, mas sim um tonico, faz voltar o cabelo á sua primitiva cor sendo não só inofensiva mas até muito conveniente, porque o fortifica e o embeleza; dá-lhe um brilho incomparavel, limpa o couro cabeludo, faz parar, em muitos casos, a queda do cabelo. Não tem nitrato de prata e não mancha a pele.

PERFUMARIA DA MODA — 5, Rua do Carmo, 7 — LISBOA

Agentes no Porto: BOTELHO DE SOUZA & C.ª, Rua de Passos Manuel, 53, 1.º

O verão

Veiu esta manhã descançar o seu grande cabaz algarvio á minha portada uma mulherona sadia dos arredores de Lisboa, toda abrazada da carga, com uns olhos negros de moura, a bôca em desejos de agua corrente, o peito forte, e corrida das ancas, n'uma ornamental ondulação de cantar, as suas grandes saias amarelas e desenxovalhadas de salaio.

Chegou, deslocou ali a carga e tomou folego.

Pois no largo cabaz, ajoujado de maravilhas por essa barbara Pomona — cujo pregão caprichoso amiude evolava nas frescas rescendencias da manhã um sentimento sagrado de energia e de prazer — estava a mais viva imagem d'este verão que ora corre, no seu colorido e na sua expressão creadora, na gratidão das suas sombras e nos seus perfumes deliciosos.



Entre verdes folhas aveludadas, os olhos curiosos das azeitonas e os claros risos infantis das cerejas, a realza delicada dos doirados alperces e o grito estridente a modos que arabe, das ardentes laranjas — tudo em verdade denunciava o verão, o tempo doirado dos fratos e das abelhas, convidando as gentes a um impulso da vontade indecisa para uma hora de amenidade e de encanto, quando af' vi-nham Chiado fóra as *andorinhas* dos *a'eliers*, as camurças corriam com desenvoltura os longos varões das vitrines, os elegantes estores desapareciam sobre o brilho das exposições e logo, abrindo ao sol as suas teias de prata, tecia interesses, conquistando a alma e os olhos, infantilmente, a agua dos crivos que descia, delicada, pelos passeios asseados...

Com effeito, a mais bela parte do dia, no verão, em Lisboa, é a manhã. Calam-se os galos da noite e principiam a cantar os melros apregoadores dos jornais. Então, n'uma atmosfera harmoniosa e moça, e a cuja emoção as almas se penetram de um gostoso espirito de aspiração, presentem-se de novo os deuses na aleluia dos bosques, visiona-se para além do horisonte brazonado da cidade clara o enternecimento lirico das paisagens, e inevitavelmente, como a uma renovação febril, sorri-nos e regressa a paixão incombatiavel das velocidades, estradas além d'este doirado e amorosissimo Portugal!

Os nossos «Antonios»

Os jornaes inglezes, pela pena dos seus correspondentes, têm-se referido com elogio ao belo estado moral e á intrepidez militar das nossas tropas. Creio que isso corresponde inteiramente ao conceito e a toda a esperanza que os nacionaes deposeram ha muito nos seus soldados, dos quaes ha a esperar, de verdade, alguma coisa de muito nobre e de muito decidido.

E a questão é muito simples de explicar—se de alguma questão se trata... O cavador portuguez, na guerra como nas romarias, quando a atmosfera lhe cheira a polvora, ergue-se e raro deixa, como por cá se diz, de molhar largamente a sua sopa.

Nas romagens, pela namorada; na guerra, pela sua Patria! E estas duas naturezas de coisas queridas, ao cantador amoroso do Minho, ao lenhador robusto de Traz-os-Montes, ao rapaz ousado das Beiras como ao assoviador mór destes dominios, o ardente camponez algarvio, são emoções que se veneram do leite

com que se foi criado, e raro deixam de os acompanhar na vida como um sentimento religioso da raça: a tradição nacional.

Antonios!... Não é má!... Pois aos alemães quem os livre dos portuguezes livra-os, certamente, dos *Antonios*... e dos demonios!

Gallito

Como á hora a que a «Cronica» se deve estar imprimindo deve, igualmente, estar-se realisando a exhibição de Gallito no Campo Pequeno, reproduo, para lembrança, as impressões que me ficaram da sua ultima corrida em Portugal.

Para escarneo, no *sol* era o sitio onde havia mais *sombra*, n'aquela toirada. Cerca das sete a banda rompe. Está quasi cheia a praça. Ha umas duzias de pares de olhos bonitos pelos camarotes e balcões, completamente ocupados. Sobre o curro os campinos, de meias lavadas, molham covardemente a sopa. Lá dentro o animalsinho protesta e acha aquilo pelo menos pouco decente, embora muito ribatejano.

Eles lá sabem...

Chegam as cortezijs. Joselito, ao que me dizem, é um pequeno com pernas de arame que lá vem a meneiar-se. A praça recebe-o no coração e beija-o em pensamento. Vamos... Lidam-se touros, mais ou menos bem; e para não terminar a primeira parte sem girandola, o



Gallo, o diabo do moço, faz coisas tão assombrosamente serenas, metido entre as duas hastes do touro, que a gente tem por momentos a visão de o estar a vêr, vestido de toureiro, nas paragens do outro mundo!

A praça inflama-se e cobre-o de palmas, chapéus, o diabo!

E' depois de um longo espaço, amenisado por uma aragensinha tardia e uma rapsódia, no palanque, que se entra, e sacudidamente, não mais palpitante da corrida. Gallito tem dois touros. Entontecendo cada um d'eles, o capote vermelho anda-lhe nas mãos como a bandeira de um triunfador. A um *passé* mais original um hespanhol eloquente chama-lhe, ao meu lado, comovidamente, «hijo de sus entrañas!» Um salaio, do outro lado, remoca, perguntando se ele era a mãe... *Gallo* lida. O ultimo touro especia então a meio da praça; o sol vae desaparecendo, é quasi noite; o diestro simula a morte, e com tanta elegancia, de tão sugestiva maneira o faz, que o hespanhol, erguendo-se de novo, atonito, levanta esta afirmação que trespassa, como uma espada, o simbolo doirado dos tempos:

—*Dios mio, se ha vuelto el Cid!*

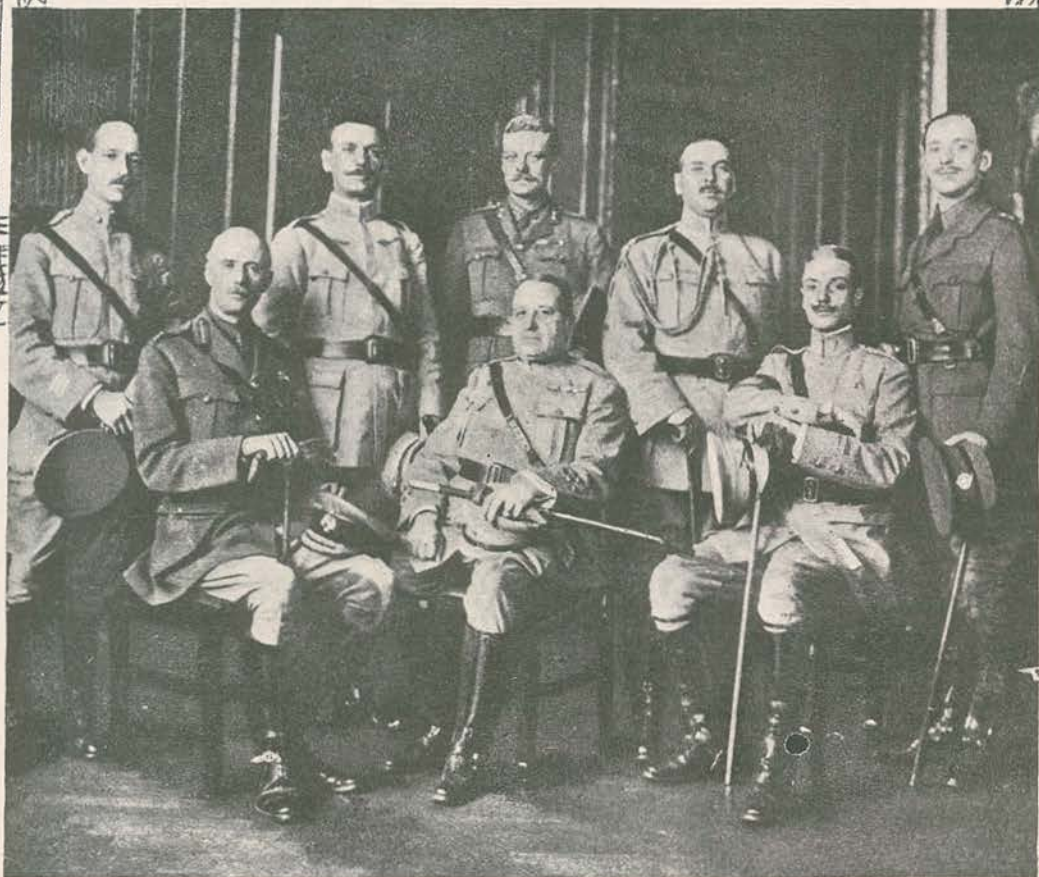
Taes são as impressões que do «fenomeno» conservo.

Livros

Tem a cronica o prazer de registrar o aparecimento, em 2.^a edição, dos belos poemas *Caminhos* e *Auto do Ano Novo* do grande poe'a Antonio Corrêa d'Oliveira. O extraordinario interesse publico que mereceu, em Portugal e no Brazil, a encantadora colção de *A Minha Terra*, revela-se d'esta maneira inludivel: a repetição successiva das edições dos seus dez admiraveis poemas, que Antonio Carneiro illustrou com as delicadezas do seu lapis, incomparaveis em Portugal.

Alfredo Guimarães.

PORTUGAL NA LUTA



EM LONDRES:—Sentados: o sr. Norton de Matos, ministro da guerra, tendo à sua direita o general Bernardis'on, chefe da missão militar inglesa em Portugal, e à esquerda o tenente coronel Roberto Batista, chefe do estado maior. De pé, da esquerda para a direita: capitão sr. Tomaz Fernandes, major sr. Aguas, major Lloyd, capitão sr. Florentino Martins e capitão Mac Grigor.

A viagem do ilustre ministro da guerra, major sr. Norton de Matos, a França e a Inglaterra em missão especial que se prende com a nossa ação militar nos campos de batalha em França, provou de uma for-



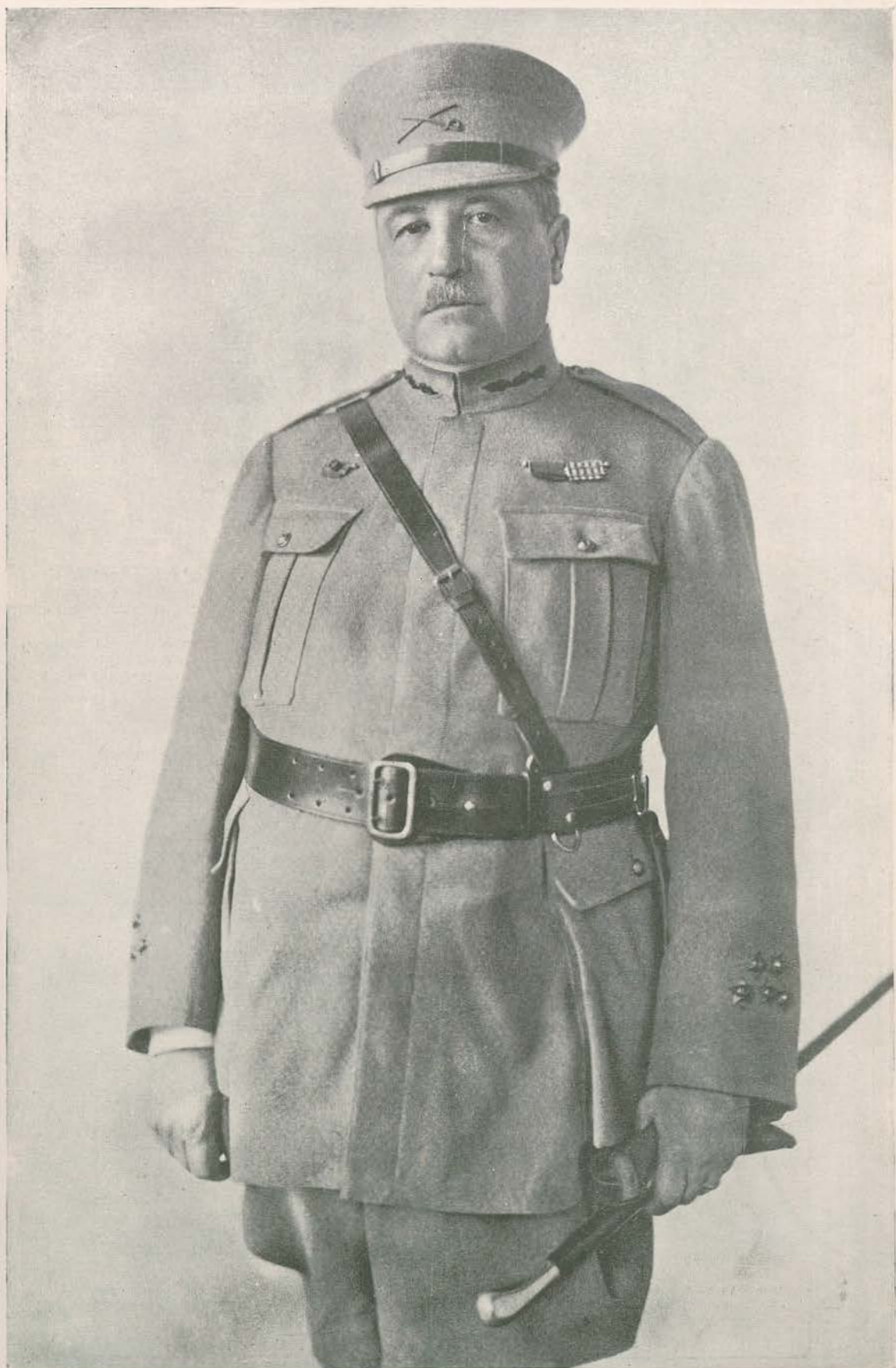
O alferes de infantaria sr. Constantino da Cruz Moraes.

ma honrosa e irrefragável quanto vivamente apreciada é a coadjuvação que começamos a prestar aos nossos aliados e aos nossos amigos contra os imperios centraes, defendendo simultaneamente os nossos mais caros interesses. Portugal recebeu, na pessoa prestigiosa do sr. Norton de Matos, homenagens de simpatia e respeito que o reerguem aos seus antigos tempos de gloria.

Se a espontaneidade com que nos desobrigámos dos compromissos da nossa velha aliança, a rapidez, o criterio e base segura com que apresentamos algumas dezenas de milhares de homens prontos para combater, tem contribuido muito para o destaque brilhante em que se encontra o nosso paiz, muito mais nos exaltou a heroica resistencia que as nossas tropas estão oferecendo aos alemães na linha de batalha.



O alferes de infantaria sr. Joaquim Augusto Carneiro.



O ILUSTRE MINISTRO DA GUERRA, MAJOR SR. NORTON DE MATOS

Sua magestade o rei Jorge V de Inglaterra conferiu-lhe a gran-cruz de S. Miguel e de S. Jorge, e o governo francez elevou-o a grande oficial da Legião de Honra, sendo-lhe as insignas entregues por mr. Painlevé, ministro da guerra francez, na presença de toodo o seu estado maior.



Carlos Lourenço Rivotti,
1.º cabo

tas de veras interessantes. No proximo numero publicaremos maior quantidade do que nos foi possivel publicar n'este e começaremos a dar os nomes dos que saíram apenas com numeros por não os conhecermos.



Capitão da administração militar, sr. Genesio Correia Barreto.

Antonio Rodrigues de Carvalho, soldado de infantaria.

Continuamos recebendo, e muito a agradeceremos, numerosas fotografias dos nossos combatentes em França. Das que não sabemos os nomes, já muitos nos teem sido obsequiosamente indicados e com algumas no-



José Antonio Preto, operario portu-guez, natural de Loanda, n'uma fabrica de munições em França.

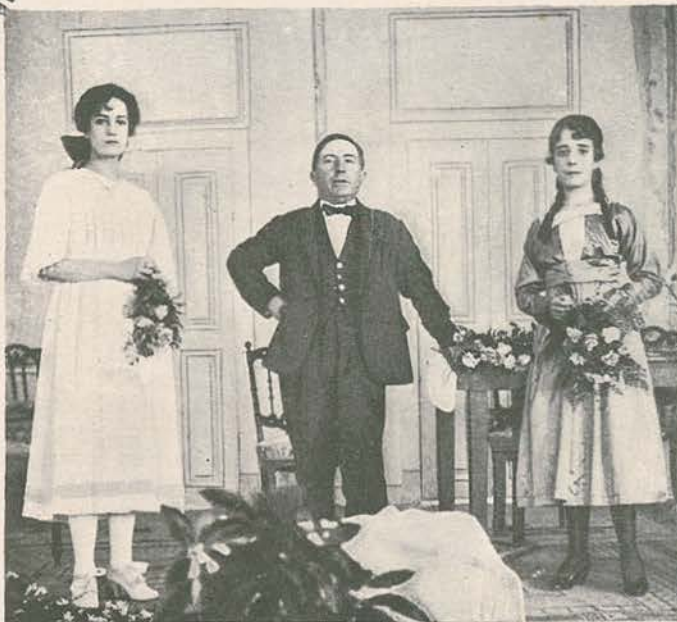


Roberto Pinto da Rocha, amanuense do comando, e Hernani d'Almeida, motociclista.

No liceu de Passos Manuel

Foi simplesmente encantadora a festa com que os alunos da 6.^a classe do liceu de Passos Manuel celebraram o termo dos seus trabalhos anuaes. Com notavel assistencia de professores, alunos e suas familias, realizou-se uma «matinée» no ginasio do liceu. Explicou as razões da festa a menina Dulce Maria Carvalho Conceição; os alunos entoaram em côro uma canção do seu colega Vasco Viana, seguindo-se-lhe

vários recitativos, musica e cançonetas. Fez uma conferencia futurista o aluno Americo Ferreira. Também discursou o aluno



O sr. D. Tomaz de Noronha, autor do lindo dialogo «Ideas Diversas», tendo á sua direita a sr.^a D. Dulce Moniz Carvalho Conceição e á esquerda a sr.^a D. Maria Isabel Cabral, inteligentes interpretes do mesmo dialogo.

Mario Madeira e o aluno Vitor Augusto Dias tocou um solo de piano.

Fechou a «matinée» com uma linda comedia «Uma carreira frustrada», desempenhada pela aluna Irene Alice de Oliveira e pelos alunos Pedro Borges, João Flores Batista e Moreira Rato.

Meninas e rapazes foram carinhosa e entusiasmaticamente aplaudidos. D. Tomaz de Noronha, o ilustre diretor da classe e escritor distinto, também colheu fartos aplausos como

orientador dessa festa que deve ficar memoravel no espirito de quantos a ela assistiram.



Um aspecto da assistencia

(Clichés Benoitel).

UM FESTIVAL EM MATOZINHOS



A vila de Matozinhos Leça, que dentro em pouco se tornará um dos mais bellos bairros do Porto, mercê da adaptação do porto de Leixões aos serviços commerciaes, é já hoje digna de menção.

Poucas terras haverá no paiz assim dotadas de naturaes belezas e de artificiosas criações do homem. O rio Leça, derivando em delgado fio por entre amieiros copados e salgueiraeas em flôr, já de ha muito vem arrancando aos poetas as mais enternecidas canções, como essas endechas de D. Francisco de Sá Menezes, que principiam:

«Oh rio Leça
Como corres manso
Se eu tiver descanço
Em ti se começa!»

e que mereceram á eminente sabia D. Carolina Michaelis a inclusão na sua

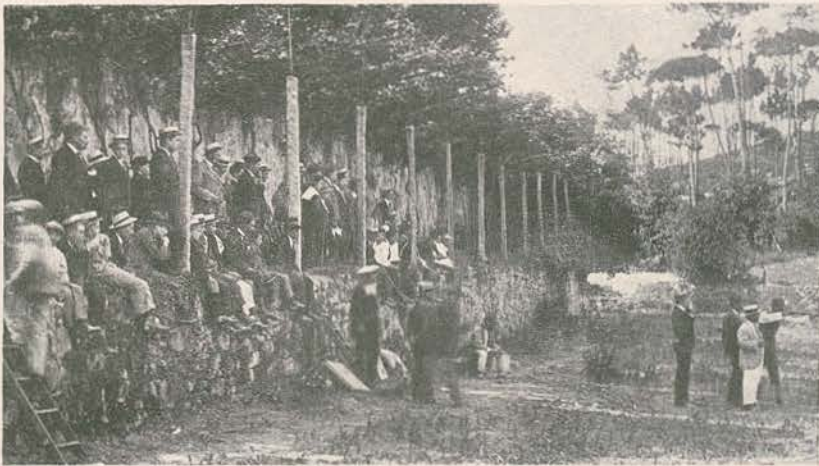


1. Sociedade elegante de Matozinhos: De pé, da direita para a esquerda, os srs. Armando Garcia de Lima, Henrique Carneiro de Melo, presidente da direcção da Associação dos Caçadores, e Castro Guimarães, presidente da comissão organisadora da festa.—2. Um aspecto da festa: Um grupo gentil.—3. Alguns membros da direcção da Associação de Caçadores de Matosinhos e Leça e a comissão de cavalheiros e senhoras que auxiliaram aquella associação desportiva na patriótica festa.

seleção das cem melhores poesias liricas portuguezas.

A natureza ostenta-se, em seus arrabaldes,

na mais luxuriante magnificencia. O passeante que siga pela estrada da Conceição verá maravilhado o alcantilado selvatico dos montes, o



Um aspeto do torneio

alourado das seáras das margens do Leça, as infinitas gradações da verdura das

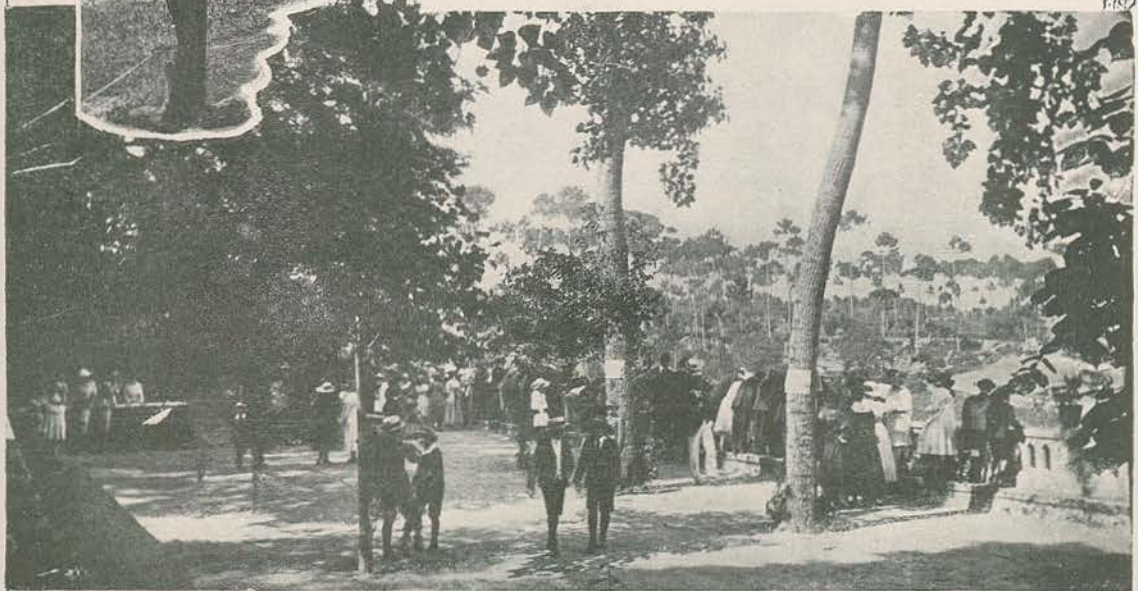
mamente realizado na aprazível quinta da Conceição pela Associação de Caçadores de Matozinhos e Leça, cujo produto reverteu a favor da Asistencia das Portuguezas ás Vítimas da Guerra, foi bem a demonstração d'um grande patriotismo e d'um alevantado humanitarismo.



O distinto atirador sr. Antonio Sousa, fazendo um belo tiro.

O festival ultimamente realizado na aprazível quinta da Conceição pela Associação de Caçadores de Matozinhos e Leça, cujo produto reverteu a favor da Asistencia das Portuguezas ás Vítimas da Guerra, foi bem a demonstração d'um grande patriotismo e d'um alevantado humanitarismo.

A tão simpática e caricativa festa afluíu a sociedade elegante d'aquela linda vila, da Foz do Douro e do Por-



Uma parte do recinto onde teve lugar o festival. Assistindo ao torneio de tiro aos pombos:

(Clíchés do distinto fotografo sr. Amalfeu Vieira Ferreira)

moutas e dos bosques, ao passo que, a poente, a casaria da vila se aglomera com aparen-

to, sendo o produto colhido o mais lisongeiro possível.

Uma Grande Noite

Paris, 19 de Junho.

L' *Elevation*, a peça nova de mr. Henry Bernstein, que está obtendo um êxito enorme na Comédie Française, deve esse êxito, em muito grande parte, á magistral interpretação do principal papel feminino, a cargo de mademoiselle Piérat.

A peça poderia intitular-se *Um adultério em tempo de guerra*. Em agosto de 1914, Edith Cordelier, casada com o professor Cordelier, um homem eminente, membro da Academia de Medicina, tinha por amante um estroina, um janota, um peralvilho chamado Louis de Genoís. Esse homem tem de partir como oficial de reserva no primeiro dia da mobilisação. O desespero d'Edith é grande; as lagrimas denunciam-n'a ao marido; ela acaba por confessar tudo a esse excelente homem, que sofre cruelmente, mas que pensa que o momento não é proprio para um escândalo domestico e decide que vivam juntos, cada um consagrando-se aos seus deveres humanitários, e enquanto a guerra durar.

Dez mezes depois, Genoís, ferido e transportado ao hospital de Rennes, supplica a Edith que parta para o vêr. Cordelier opõe-se. A separação definitiva da mulher que ele ama ainda, é-lhe sem duvida dolorosa. Mas ha uma outra razão. Um acaso permitiulhe saber que Genoís tomara Edith como

amante por um simples capricho de *viveur*. Esse belo senhor tinha uma outra amante, confidente das suas aventuras mundanas e em casa de quem deixara ao partir as proprias cartas de Edith. Por um momento, Cordelier pensa que a revelação d'essa infamia poderá matar no coração de sua mulher um amôr indigno d'ela.

Mas Edith fala-lhe do homem que ama, cuja conduta na guerra foi aliás cheia de heroísmo, com um tão grande, com um tão fervoroso, com um tão ardente entusiasmo, que Cordelier não ousa dizer-lhe nada. A grandeza d'esse amôr surpreendo-o e subjuga-o. Ele não se atreve a desrespeital-o; deante d'essa ação, talvez de resto inutil, ele recua como ante um sacrilegio. E Edith parte.

O ultimo ato passa-se em Rennes, junto do leito onde Genoís agonisa. Efeito dramatico seguro; mr. Bernstein é um mestre. A guerra fez de Genoís um outro homem. Pelo menos é isso que o autor pretende fazer crer. Ele reconhece amar Edith, agora

que para todo o sempre vae perdê-la; e pede-lhe que seja fiel á sua memoria e que regresses ao seu lar.

Essa transfiguração sentimental, se me permitem o termo, podia dever-se apenas á proximidade da morte. Se essa morte, em vez de ser o resultado dos ferimentos recebidos no campo de batalha fosse a consequencia d'uma febre tifoide contraída comendo ostras n'um restaurante de Montmartre em tempo de paz, a cena final da peça, salvo as referencias á guerra, seria inteiramente verosimil. E é por isso que esta obra não é um drama da guerra, mas simplesmente um drama domestico que se passa no tempo da guerra como com pequenos retoques se poderia ter passado no tempo do tango ou da valsa *chalonpée*. Se um dia regressasse a Paris, curado dos ferimentos que recebera batendo-se como um heroe, Louis de Genoís não resistiria á tentação de ir visitar a outra amante e de retomar, d'acôrdo com

ela, as suas antigas occupações mundanas e sentimentaes.

A verdadeira tese da *Elevation*, não é, quanto a mim, a que o seu titulo parece fazer crêr, mas uma outra familiar de resto á obra de mr. Bernstein: a dos direitos supremos do amor. Na nova peça do illustre dramaturgo, Louis de Genoís não é, apesar de tudo, uma grande figura; o proprio Cordelier, por mais nobres que sejam os seus gestos, não é mais que um pobre homem inte-

ligente e bom, que sofre: verdadeiramente grande ali é Edith, grande pelo ideal, pela fé, pelo amor. E' uma tese dissolvente, dirão, uma tese *d'avant-guerre*; será! Mas, tal é o poder da arte!, o publico aceitou-a como sublime mesmo ao ruído do canhão.

Mademoiselle Piérat, a protagonista inesquecida da *Marche Nuptiale*, soube ser profundamente humana interpretando Edith Cordelier. O seu grande artificio de teatro, deixem-me passar o paradoxo, é uma completa ausencia d'artificio. Mademoiselle Piérat é hoje uma das maiores atrizes de França... O publico e a critica acabam uma vez mais de o reconhecer.

Paulo Osorio.



Mademoiselle Piérat



Henri Bernstein

(Cliché Manuel).

As francezas que trabalham



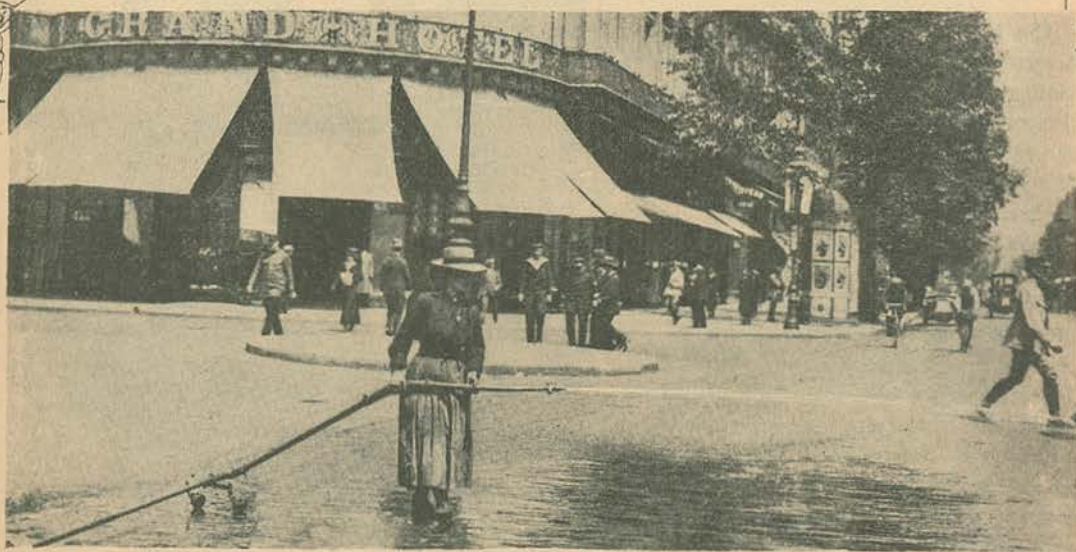
Uma «livreuse» do Printemps



Distribuidora do correio

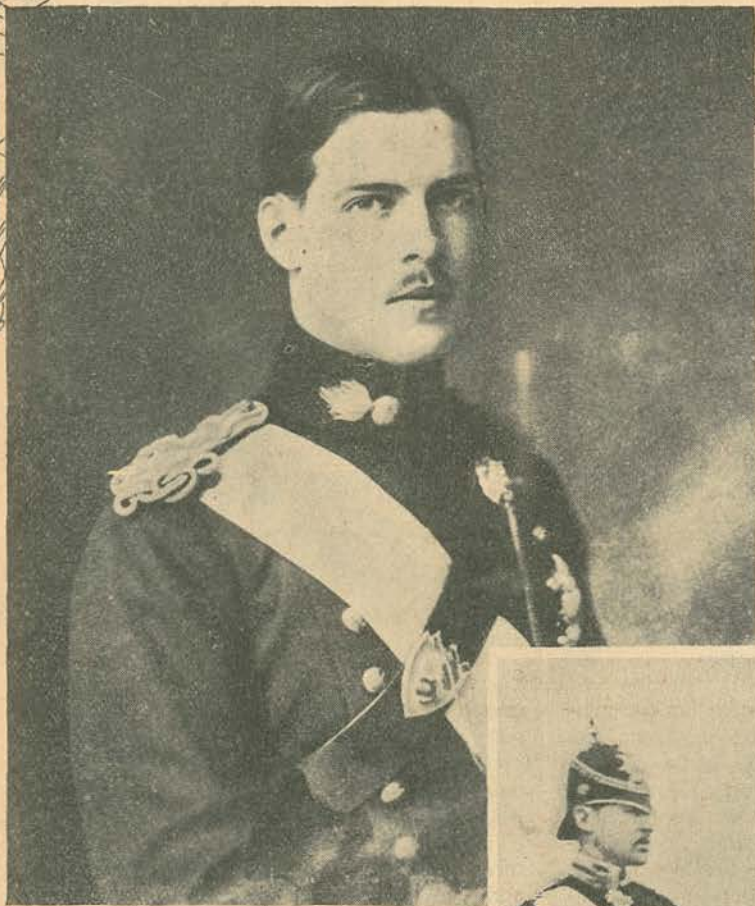
Elas são muito-mais numerosas do que muitos no estrangeiro certamente imaginam. Em certos meios, a mulher franceza fez-se uma reputação de frivolidade que não pode ser mais injusta. As parisienses de luxo, que ditam a moda, que guarnecem os teatros e os restaurantes da grande capital, clientes dos grandes costureiros e dos grandes ourives, são uma infima minoria. No seu lar, no seu comercio, nos escritorios, nos ateliers, nas oficinas, a mulher franceza trabalha. Agora, a guerra alargou o

campo da sua atividade: apareceram as condutoras e *receveuses* dos tranways e do *métro*, as operarias das fabricas de guerra, as *livreuses* dos grandes armazens, as distribuidoras do correio, as empregadas pelo municipio na limpeza e na rega das ruas, etc. Nos mais duros misteres, a mulher franceza procura sempre que pode substituir o homem mobilizado. E' bem o momento de, reparando velhas injustiças, louvar o seu bom-senso, a sua perseverança, a sua honestidade e o seu heroismo.



Regando o boulevard

NA GRECIA



O ultimo retrato do príncipe Alexandre da Grecia, ha pouco aclamado rei.

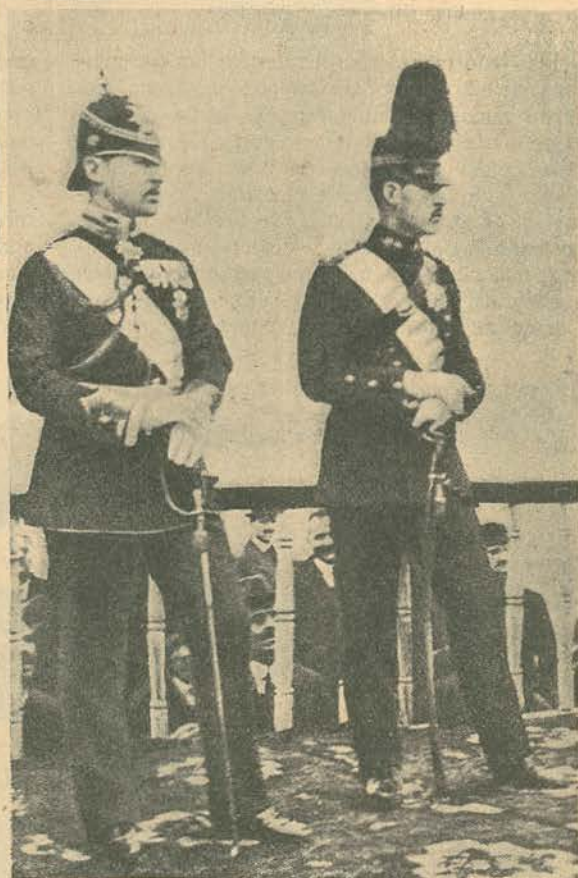
(Cliché Chusseau Flavens).

Das hesitações, pode mesmo dizer-se das divergências das potencias aliadas, Constantino da Grecia, cunhado de Guilherme II aproveitou-se durante muito tempo. Para ser agradável á Alemanha, ele rasgou o tratado d'aliança que o ligava á Servia, afastou do poder o grande patriota Venizelos, desprezou a Constituição, praticou contra a *Entente* a conhecida politica de atentados, embustes e traições. A revolução russa permitiu o acôrdo entre as potencias protetoras da Grecia. Elas delegaram em mr. Jonnart, antigo ministro francez, o encargo de liquidar uma situação insustentavel. A julgar pelos termos da proclamação do novo rei, a abdicação de Constantino no seu segundo filho, o príncipe Alexandre, não será talvez o ultimo episodio d'essa liquidação urgente e necessaria.



Mr. Jonnart, alto comissario das potencias alladas na Grecia.

(Cliché Manuel).



O ex-príncipe herdeiro Jorge e seu irmão Alexandre, agora proclamado rei.

FIGURAS E FACTOS



O sr. João Ramos Lobão, talentoso artista portuguez falecido no Rio de Janeiro, onde colaborou em varios jornaes Illustrados, como o *Malho*, a *Avenida*, etc. sendo muito apreciado pelos seus trabalhos.



Os srs. Adelino Mendes e Oldemiro Cesar, jornalistas, autores do livro *Milagre de Tancos*, que encerra as brilhantes cronicas publicadas no *Seculo* e *Capital* quando se realisaram os exercicios da primeira divisão militar portugueza que atualmente se bate em França ao lado dos nossos aliados.



O ator Fernando Pereira, um dos mais valiosos elementos da companhia do teatro Avenida, onde realisou ha pouco a sua festa artistica e onde tem sido muito aplaudido.



1. O sr. Francisco Eduardo Liz, escrivão notario em Ceia, onde faleceu. Era irmão do sr. Abrantes Liz, solicito correspondente do «Seculo».—2. O sr. Antonio da Costa Guimarães, grande proprietario em Valença do Douro, onde faleceu. Residiu no Brazil, onde adquiriu os meios de fortuna que possuia.—3. A sr.ª D. Amelia dos Reis Cabrita, falecida em Alicantarilha, onde era muito estimada pelos seus dotes pessoais.—4. A sr.ª D. Maria do Rosario Soares Cerveira, mãe do solicito correspondente, do «Seculo» em Ovar onde faleceu.—5. O sr. João Nosolini da Silva Leão, um dos mais distintos e estimados alumnos da Escola de Guerra falecido em Lisboa, quando estava para terminar o curso.—6. O sr. Augusto Correia Gonçalves, antigo comerciante e proprietario, falecido em Lisboa.



Grupo de senhores e cavalheiros que procederam á «Venda da Flor» em Montalegre.—Da esquerda para a direita: No chão, Francisco Sá Reis; 1.º plano, sentadas D. Aurilria Dias, D. Secundina Braz Fernandes, D. D. Virginia Santos (tesoureira), D. Olinda Rebelo de Moura (presidente), D. Alice Moraes (secretaria), D. Olimpia Taveira e D. Maria Caldas. 2.º plano, em pé: D. Lucinda Moraes, D. Preciosa Moraes Gomes, menina Ernestina Freitas, D. Virginia Fernandes, D. Etelvina Moraes Caldas, D. Georgina da Silva e Sebastião Afonso da Silva. 2.º plano: José Lourenço dos Santos, José Braz Fernandes e dr. Custodo Francisco Lourenço de Moraes.



EM SALONICA

A ação dos aliados no oriente tem-lhes assegurado em grande parte o seu triunfo brilhante no conflito. Em Salonica não ha apenas poderosas forças concentradas, ha tambem homens de alto valor intelectual e militar, cabeças de uma organização

superior, que dirigem com firmeza todo o largo movimento que d'ali irradia para o vasto e complexo campo da luta.

Representa esta gravura um desembarque de tropas italianas n'aquelle belo porto.

A GUERRA

O general Pershing em Paris.

Como já dissemos, o general Pershing, que vem comandar em França as tropas americanas, tem sido alvo em Paris de calorosas manifestações.

O general, que é extremamente simpático e amável, e por cuja capacidade militar responde uma carreira brilhante e gloriosa, tem afirmado em a toda parte a sua confiança na vitória completa dos aliados. A cooperação dos Estados-Unidos auxiliará poderosamente



O general Pershing, no automovel, ao lado de mr. Painlevé, ministro da guerra francez

samente as potencias da *Entente* a obter esse resultado. A grande nação americana porá em jogo todos os seus formidaveis recursos e as suas inexgotaveis energias.



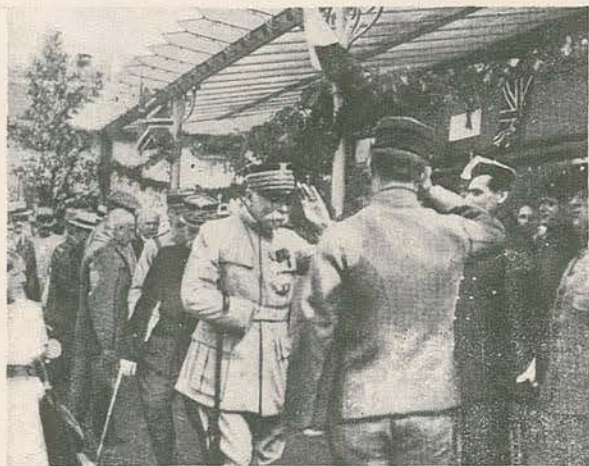
Os parisienses saudando o general Pershing no momento em que, acompanhado de Joffre, apa- receu na varanda do Club Militar.

O general Pershing em França. — A nossa gravura representa o general Pershing no momento do seu desembarque em Boulogne-sur-mer. Acompanha-o o general francez Pelletier chefe da missão franceza



O general Pershing

(«Cliché» J. Clair Guyot).



O general Pau

(«Cliché» F. Gysling)

junto do exercito americano Em Boulogne e em Paris o general Pershing que vem comandar na frente franceza o corpo expedicionario americano, teve o mais caloroso acolhimento.



O general Pau na Suissa. — A nossa gravura reproduz um dos aspetos da visita do general Pau, o glorioso mutilado de 70, aos militares francezes internados em Spiez (Suissa). O general tinha ido a Berne, em nome do governo francez, para negociar as condições do regresso a França d'uma parte dos soldados internados.



A bordo de um navio patrulha em Bolonha (sur mer).

(«Cliché» da secção fotografica do exercito francez).

Festa d'arte na Régua



O sr. Camilo Guedes Castelo Branco, autor da comédia *Ilusões Perdidas*

que vão combater em França. A primeira foi a «Festa da Flor», realisa da com desusado brilho e entusiasmo; a segunda um delicioso sarau d'arte que se efectuou no teatro da vila. Em ambas elas se provou o belo espirito de solidariedade dos reguenses, quando se trata de acudir aos que precisam, como quando se trata da defeza dos interesses vitais da sua região.

O sarau constou da representação de interessantes comedias.

Já é a segunda festa patriótica que se realiza na Regua para socorrer as familias pobres dos soldados

Uma d'elas, escreveu-a expressamente o sr. Camilo Guedes Castelo Branco Intitulava-se *Ilusões Perdidas*, tão engenhosamente pensada como primorosamente escrita e corretamente desempenhada. O sr. Castelo Branco, que é um poeta talentoso, tambem compoz «A Vivandeira», que foi recitada, de uma forma encantadora, pela menina Maria Angela Braz.

Deitaria longe a descrição minuciosa d'esta festa memoravel, que acentuou bem o fino gosto e distincão da primeira sociedade reguense. Durante o sarau houve sempre a mais animada convivencia, sendo freneticamente aplaudidos quantos tomaram parte n'ele. Houve chamadas especiaes, entre elas a do sr. Castelo Branco, a quem se deve o brilhantismo do sarau, organizado, realmente, com belo criterio e intuição artistica. A receita foi muito boa. As familias pobres dos reguenses que combatem pela patria, teem n'ela mais um donativo apreciavel para suavisar a sua triste sorte.



As sr.^{as} D. Maria Emilia Pimentel e D. Maria Manuela Pimentel no «acampamento zingaro»



As meninas Maria Adellina Costa Pinto Barreto e Clotilde Costa Pinto Barreto, nas «Desgarradas»



A menina Maria Luiza de Figueiredo Pimentel, recitando



A menina Maria Angela Braz, recitando a «Vivandeira»



A sr.^a D. Maria Magnifica Martinho, nas «Desgarradas»

(Cllichs do distinto fotografo, sr. Antonio Teixeira).

Grande corrida de motocicletas



O sr. Faustino F. Santos, vencedor da prova, n'uma «Indian»



O sr. Inocencio Pinto, segundo classificado, n'uma «Indian»

O Palace Club organizou uma grande corrida de motocicletas com «sid-cars» entre Lisboa e Porto e vice-versa, a qual foi um verdadeiro sucesso para o motociclismo tão usado já no nosso paiz. Todos os concorrentes se esforçaram por bem se desempenharem

do seu papel, fazendo demonstrações de resistencia não só das suas pessoas como das maquinas que montavam, pois o seu fim era ainda mais para tornar conhecida a boa construção das mesmas maquinas. Por todo o trajeto os motociclistas foram alvo das maiores

e mais extraordinarias ovações, tendo ganho a corrida o sr. Faustino Ferreira dos Santos, que montava uma «Indian», fazendo o trajeto de Lisboa ao Porto em 7 horas e 29 minutos, e do Porto a Lisboa em 7 horas e 37 minutos.



O redator sportivo do «Seculo», acompanhado por Mario Duarte e Domingos dos Santos, no automovel «Crow», posto á disposição do «Seculo» pelos seus representantes, srs. Mahony & Amaral.

(Clíches Benollel).

Dedicação heroica pelos feridos



Por deferencia especial, que muito agradecemos, foi-nos cedido um interessante postal ilustrado com a fotografia que n'esta pagina reproduzimos. Representa o hospital dos convalescentes, estabelecido em Saint Cloud, perto de Paris, para os feridos do exercito canadiano. Todos os serviços são feitos gratuitamente por senhoras, que não querem ficar inocuadas enquanto os maridos e irmãos combatem na frente. O bilhete foi dirigido por madame Cécile Morisson, sobrinha do grande editor, proprietario e distinto engenheiro industrial, sr. Julio Monteiro Aillaud, a sua esposa. Da familia Aillaud, que entre nós gosa de vivas simpatias e altos creditos, encontram-se muitos membros na linha de batalha; e da sua importante casa comercial em Paris tambem temido para ali bastantes empregados.

A' direita, a primeira figura, é a sobrinha do sr. Monteiro Aillaud e logo a seguir outra senhora, sua amiga; sentado e vestido á paisana, seu cunhado Alophe. Aos domingos, organisam concertos, partidas de cartas, etc., para divertir esses valentes que fizeram o seu dever.

Eis a transcrição do bilhete postal, com algumas notas explicativas que o tornam interessante:

Ma chère tante — Ci-joint une petite photo de nos chers blessés auxquels papa (1) fait une partie de cartes. Je vous espère, ainsi que l'oncle Julio, en bonne santé; j'ai bien peur de n'avoir pas à vous envoyer les fameux chocolats (?).

Henry (2) est assez fatigué en ce moment, j'espère l'avoir à la fin du mois, en permission. Nous jouissons d'un temps superbe dont toute la maisonnée de Saint Cloud profite bien. Nous nous réunissons tous pour vous envoyer à tous deux d'affectueux baisers.

Cécile.

A proposito, devemos dizer que, n'esses hospitaes de convalescentes, não se trata apenas da saude, são precisos tambem alguns divertimentos. Essas senhoras organisam concertos, kermesses onde vendem os pequenos objetos fabricados pelos feridos, etc., e o produto é precisamente para comprar o superfluo... doces, tabaco, etc. O necessario não lhes falta, mas o superfluo tambem é muito agradável.

Esta horrivel guerra tem mostrado, sob todas as

formas, até onde pode ir a dedicação e heralismo da mulher franceza; as mais energicas estão nos hospitaes da frente, outras nos hospitaes de convalescência; outras, como uma filha do sr. Aillaud, estão no serviço dos transportes de feridos, das estações de caminho de ferro para os hospitaes. Obtiveram o diploma de condutor de automovel e tres vezes por semana tem de passar 24 horas consecutivas no posto central. Logo que chega um comboio especial de feridos, tem de ir á estação, que as chama, e transportar os feridos aos respectivos hospitaes. As mais pobres e que tem de ganhar a vida estão nas fabricas de munições. Decretou-se ultimamente em França a mobilisação civil, e com justa razão dizia um jornalista: «esse decreto bem pouca utilidade tem, porque são raras as exceções dos que não trabalham; os privilegiados da fortuna, que em tempo de paz nada fazem, estão voluntariamente nos hospitaes; os que vivem do seu trabalho, estão nas fabricas; os outros... são tão culpados como os soldados desertores, e é bem feito que os obriguem a qualquer trabalho util para o paiz».

Os nossos soldados entraram agora no tremendo brazeiro; não tardaremos a vel-os tambem nos hospitaes de convalescência, como esses canadianos que a fotografia representa. Todos os dias se registam brilhantes provas que esses valentes estão dando uma nova fama a Portugal. Os que voltarem, e esses hão-de ser muitos, pois nem todos morrem na guerra, hão-de trazer para o nosso paiz noções de disciplina, de coragem, de energia de que bem precisamos. Hão-de contar o que fizeram e o que viram fazer; hão-de ser os grandes mestres, o exemplo educativo de futuras gerações.

NOTAS.—(1) Alophe, combatente de 1870, hoje muito velho para voltar ao combate, faz o que pode para entreter os feridos.

(2) Madame Monteiro Aillaud fez uma aposta com a sobrinha, em como a guerra estaria acabada em setembro d'este ano. Esta senhora apostava que não era possível; o premio era um quilo de pastilhas de chocolate Marquis. A sobrinha pensa, com muita razão, que não terá de mandar o tal chocolate, porque com toda a certeza a guerra não estará acabada em setembro; será a excelente tia que de Portugal terá de enviar... Vinho do Porto, se não puder mandar bolos por ser prohibido faz-l-os.

(3) Mr. Henri Morisson, marido de madame Cécile, o qual se encontra no front desde o principio da guerra.

ECOS DE TODA A PARTE



O auxillo as creanças

PELAS CREENÇAS

Uma das obras de guerra mais simpáticas das muitas que tem creado a beneficencia italiana é sem duvida a dos *Ninhos*, cuja iniciativa se deve ás raparigas da aristocracia de Napoles. Ela tem por fim socorrer as creanças pobres, cujos paes estão mobilisados. São as proprias iniciadoras quem trata dos bebés e os acompanham aos jardins napolitanos. As nossas gravuras mostram-nas no desempenho d'essa benemerita missão.



Madame Cora Laparcerie

(Cliché Félix).

CORA LAPARCERIE

No Théâtre de la Renaissance, de Paris, *Le Minaret*, de mr. Jacques Richepin, terminou uma carreira que pôde dizer-se triunfal. Sucedeu-lhe um divertido *vaudeville* de M. Hennequin; Bilhaud e Barré, *Paradis*, no qual é ainda madame Cora Laparcerie quem desempenha a protagonista com a *verve* e o talento que o publico parisiense não cessa de admirar.



MR. NOULENS NA RUSSIA

O novo embaixador da França na Russia é um politico experimentado que gosa da reputação de um

homem de energia. A sua missão n'este momento é das mais dificeis de que possa ser incumbido um diplomata. Inutil será dizer que o insucesso d'essa missão seria inevitavel se d'ela incumbissem um d'esses diplomatas do velho estilo, mestres em reverencias, jarrões mais ou menos decorativos das côrtes europeias. A diplomacia d'hoje tem de ser uma diplomacia nova; os governos comecam emfim a comprehendel-o.



Mr. Noulens

TEATRO REPUBLICA



A revista *Lisbia Amada*, de Lino Ferreira, Artur Rocha e Henrique Roldão, em pleno exito no Republica, é uma das mais espirituosas, finas, bem feitas e ricamen-

desempenho, em que se destacam algumas das primeiras figuras do nosso teatro, completam de uma forma admiravel o poder-



te vestidas que teem passado pelos teatros de Lisboa. O seu artistico cenario, a sua marcação magistral e superior

so atractivo que ela exerce todas a noites sobre um publico numeroso.



1. Augusto Gomes, empresario.—2. João Lofort, gerente.—3. Dr. Adolfo Lima, empresario.—4. Jorge Grave, ator e empresario.—5. Chabi Pinheiro.—6. Angela Pinto.—7. Jesuina Saraiva.—8. Armando de Vasconcelos, encenador da peça.—9. Delfina Costa.—10. Maria Neves.—11. Antonio Gomes.—12. Maria Tereza.—13. Virginia de Souza.—14. Jorge Roldão.—15. Francisco Judicibus.—16. Carmen Maarques.—17. Artur Carneiro.—18. Maria das Dors.—19. Teixeira Soares.—20. Maria de Souza.—21. Francisco J. anc.—22. Dotores Carneiro.—23. Manuel Balista.—24. Constança Cruz.—25. Francisco Sampaio.—26. Maria Luiza.—27. Maestro Luz Junior.—28. Maeiro Luz Junior.—29. Luizza Martins.—30. O «custumiere» Castelo Br anco.—31. O mestre Laurentino Mendes.—32. Maria Monverde.

VISITA D'ESTUDO AO "SECULO"



Um grupo de visitantes

Um grupo de alunos e alunas do 2.º ano da Escola Normal de Lisboa, acompanhados de seus distintos professores, srs. dr. Aristides de Barros e Antonio dos Santos Gomes, visitaram minuciosamente todas as instalações do *Seculo*, sendo-lhes explicado o funcionamento das varias ofici-

nas e maquinas pelos fiscaes srs. Eugenio Marques e Francisco Vieira.

Os visitantes retiraram-se com as melhores impressões e afirmando que fôra essa uma das visitas de estudo em que colheram lição mais proveitosa.



Outro grupo

(Uchès Benoliel).

SUPLEMENTO
HUMORÍSTICO DE

O SÉCULO



Director: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de: J. DA SILVA GRACA, Limit.ª

Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SÉCULO, 43—LISBOA

A BILHA RACHADA



O NOVO TAUMATURGO:

— Tem uma pequenina fenda, efetivamente, mas isto concerto eu com toda a facilidade...

PALESTRA AMENA

Os intrometidos

Observou em tempos um escritor estrangeiro de passagem por Lisboa, que nas ruas centrais abundavam os grupos, pessoas paradas, parecendo-lhe que estavam á espera de algum cortejo ou coisa parecida.

Este aspeto da cidade em espetativa, que não tem semelhança em qualquer outra capital, nem, para não sairmos do paiz, na propria cidade do Porto, onde ninguem vai para a rua para passar, coloca-nos á parte na Europa como curioso exemplar de povo que não tem que fazer. E' verdade que, interrogados os pasmões das esquinas, eles não confessam que estão inativos e apressam-se a dizer que estão a *fazer horas*; é fazer pouco, hão de concordar. Ora ao critico estrangeiro e a quem estranha a attitude vadia d'esses cavalheiros temos a dizer que eles fazem mais do que horas; empregam-se cuidadosamente a dizer gracinhas e graçolas ás senhoras que passam—mais graçolas do que gracinhas, sorrindo uns para os outros quando não obtem resposta ou a obtem desagradavel, como quem quer fazer supôr que só por disfarce, para se não comprometerem em publico, as damas não lhes correspondem com amabilidades.

Isto, que toda a gente sabe, que é uma má criação, que nem tem como desculpa a galanteria dos *piropos* andaluzes, ainda assim nunca dirigidos senão a quem os requer e consente de bom grado, passa-se sob o olhar benevolente e animador da policia, que só intervem intermitentemente: as senhoras passam, teem acanhamento de se queixar e só quando ha escandalo—a intervenção violenta de uma bengala, a bofetada irreprimivel d'algum homem da familia—é que a dita policia se lembra de que é seu dever... policier.

Ha poucos dias deu-se qualquer cena dessas na Baixa e efétivamente a memoria policial despertou, segundo se lê numa ordem do sr. governador civil, publicada nos jornaes de domingo ultimo, recomendando que sejam implacavelmente castigados os individuos referidos.

Medida eficaz? Não, porque não será permanente. Estamos em que o sr. governador civil conseguiria melhor os seus fins se mandasse distribuir pelos intrometidos numerosos folhetos com os principais preceitos da civildade.

A isto podem opôr-nos o argumento de que entre eles não abundam os que possuem a prenda de saber lêr, mas a esses em vez de folhetos escritos seriam entregues folhas desenhadas, suggestivas: por exemplo, a figura dum burro aos coices a uma senhora. Aí fica a idéa.

J. Neutral.

Aneidota

A dona da casa, furiosa:
—O' Gertrudes! Isto já é mais de que desmazelo! Estas cadeiras teem dois dedos de poeira!
—Não me admira, minha senhora; ha três dias que ninguem se senta nelas.

Mais um partido

Agora é que a patria está salva. Os realistas—não menos de uns 10—resolveram tomar para chefe o principe D. Duarte, que vai chegar n'uma manhã de nevoeiro, e pô-lo no trono, dê por onde dêr. O dito principe, convidado a aceitar o trono, respondeu em carta



que enviou no bucho de uma pescada ao boticario do Altinho e esperava-se apenas o infalivel sinal anunciado por todos os sebastianistas: o aparecimento de um mancebo de falas sibilinas e incompreensíveis.

O qual pôde muito bem ser o Rocha Martins.

GRAÇA ALHEIA

Entre amigos:

—Estou apoquentadissimo.
—Porquê?
—Está a chover e minha mulher saiu sem chapéu de chuva.
—Ora! naturalmente recolhe-se nalguma loja...
—Pois é isso mesmo o que me apoquentou!

A censura em Hespanha

Os senhores jornalistas queixavam-se da mordaca? Pois então aí teem o vizinho do lado que não pôde falar em questões militares, no movimento das tropas, em juntas de defesa, em manifestos e proclamações societarias, no movimento dos navios de guerra, no torpedeamento de navios nacionais e



estrangeiros em aguas jurisdicionais, em exportações...

Assim, duas *sopeiras* conversam inoventemente:

—Então dás-te bem com o teu guarda?

—E' um lindo homem. Que me neios!

Um guarda, interrompendo:

—Nem mais uma palavra a esse respeito.

—Por quê?

—E' proibido falar em movimento de tropas!

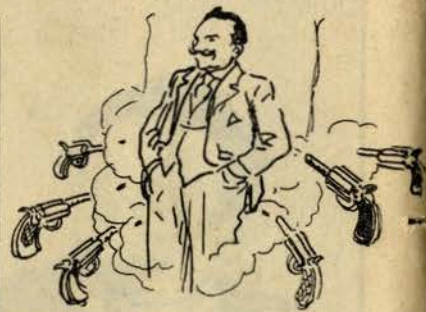
Aí, valente!

O caso surpreendeu muita gente, mas não a nós, porque conheciamos a historia toda.

Foi assim: o emprezario teatral e nosso querido amigo Luiz Galhardo quiz pôr em cena uma peça patriótica cujo ultimo ato se passa em plena batalha entre aliados e alemães e como é artista até á raiz dos cabelos, pretendia que se trocassem tiros a sério, com balas autenticas, ferimentos, prisioneiros, etc., etc.

A idéa era excelente e de efeitos absolutamente inéditos, tanto nos atores como no publico. Encontrou, porém, nos seus artistas absoluta relutancia, afirmando estes que nunca levariam o seu amor ao realismo até deixarem-se atravessar por qualquer projétil. Galhardo teimou, explicou que isto de guerra eram mais as nozes do que as vozes, que as balas a maior parte das vezes eram inofensivas.

E como nenhum dos seus escripturados estivesse disposto ao sacrificio, resolveu ele proprio demonstrar-lhes,



por experiencia, as suas afirmativas e ei-lo a pedir ás pessoas das suas relações que o visassem a tiros de pistola, de revolver e de canhão, com a sua bomba de dinamite á mistura.

Assim se executou, recebendo intrepido e sorridente varias descargas e ficando tão vivo e são como se tivesse apenas sido atravessado por setas de Cupido.

Tem asseguradas 2:000 representações seguidas da referida peça.

Ele aí está

Já cá temos, residindo definitivamente em Lisboa e com consultorio aberto, o illustre naturista dr. Amílcar de Sousa. Como reclamo de entrada publica interessantes considerações n'um jornal da noite, ácerca de um grande banquete que vai oferecer aos lisboetas: a sala de jantar é a Natureza, os manjares sempre pendurados nas arvores e, diz ele, para se comer não se precisa de garfo, nem de faca nem de colher.

Termina assim: «Regressemos ao Eden, onde tudo é belo e os homens se purificam.» E', como se vê, uma referencia elogiosa ao teatro do Teixeira Marques e ao respetivo fêmeaço—mas sempre lhe queremos dizer que é arrojadissima aquela afirmativa de que lá se purificam os homens. Nem sempre, doutor, nem sempre!

Biografia do Manecas, escrita por ele proprio

(Continuação)

Cresci e comigo cresceu o talento, que manifestei logo que apareci á luz. Com um mez de nascido já tinha inclinações literarias pronunciadas, pois que escutava atentamente a leitura do *Seculo Comico*, por minha mãe, e adormecia sempre que meu pai lia o *Diario do Governo*. Em teatro, por exemplo, mostrava-me critico apuradissimo: assim, quando lá em casa se falava em ir vêr uma revista do ano, eu fazia tal berreiro que nunca me levavam; se, porém, percebia que a peça era algum drama do Marcelino, do Dantas, do Schwalbach, etc., sorria tão encantadoramente, que lá ia eu ao colo da ama, assitia atento, da primeira á ultima cena e não fazia senão bater palminhas.

O feito policial que mais tarde tanto havia de contribuir para a minha fama, tambem muito cedo começou a apontar. Com gestos apropriados revelei a minha mãe que a criada ia ao assucar, que meu pai lhe fazia tagatés — e quando um dia se attribuiu á ama o roubo de uma costeleta que tinha sobrado do jantar e ficara sobre o apa-



rador, eu, ao brincar com o gato, percebi pelo cheiro que fôra este o ladrão e dei a saber o facto a minha mãe, miando desesperadamente quando ela descompunha a ama.

Aprendi a ler antes de falar. Aos tres mezes já cortava letras dos jornaes, juntava-as e formava palavras, perante meus pais, que ficaram assombrados por tamanha precocidade: lembro-me perfeitamente de que a primeira frase que d'esse modo formei foi: Viva o sr. dr. Afonso Costa!

Por aqui se vê que a minha vocação politica tambem se manifestou inteligentemente nos primeiros tempos da minha existencia, escolhendo uma expressão não só democratica, mas de desafio a todas as comissões de censura.

(Continua).

Incredulos

No tribunal.
Julz — Eu não lhe disse, a ultima vez que se apresentou deante de mim, que não queria tornar a vê-lo?

Reu — Disse, sim senhor; mas por mais que eu o repetisse aos policias que me prenderam, nenhum me quiz acreditar!

EM FOCO



Adelino Mendes

Toma como pretexto a reportagem, E, empregando a melhor literatura Traça desde o desenho de figura A' mais formosa e esplendida paisagem.

E não desenha apenas, na viagem, Mas pinta e é rigoroso na pintura, Suave, se o assunto quer doçura, Forte, quando ele pede essa linguagem.

Já vêdes que merece esta poesia E se por tal não fosse assinalado, Por artes e por letras, bastaria,

Justificando o preto sublimado, O ter nascido em terras de Leiria, O ser patricio d'este seu criado...

Belmiro.

Uma mudança no ano 2000

—Está um calor de rachar, não achas Genoveva? perguntou o Felix á esposa.

—Está.

—E se nós nos mudassemos hoje mesmo para o polo norte?

—Bôa idéa, Felix.

Felix, ao telefone: —Está lá? quero falar para a Agencia de Mudanças Aereas.

Da Agencia:

—Está lá?

—Estou. Mande já á rua Direita n.º 1430, os aeroplanos necessarios para mudar uma casa com 20 compartimentos, para o polo Norte.

—Imediatamente.

Dá a 6 segundos descem quatro aeroplanos na rua Direita n.º 1430.

—E' aqui que querem uma mudança?

O Felix:

—E'. São 20 compartimentos. Desmancham-se num instante.

Dá a certa mo'a e a casa, que é de papelão, separa-se em 20 partes que são logo penduradas, 5 em cada aeroplano.

A criada, surgindo dum compartimento:

—Que é isto? O hem que se entorna a panela do jantar.

Genoveva:

—Vamos pa'a o polo artico passar o verão. Lá jantaremos.

De aí a meia hora, estão ao norte da Groenlandia, a 3000 metros de altura.

O Felix:

—Descemos aqui.

Dois segundos depois a casa da rua Direita n.º 1430 estava reconstituída e a Genoveva servia o jantar, enquanto os condutores dos aeroplanos voltavam com os aparelhos a toda pressa para a Agencia, porque antes da noite tinham ainda de fazer out a mudança para o polo antartico.

Isto conta o *Diavolo Journal*, como acontecido no ano de 2000.

Delicadeza do Marques

O nosso Marques é d'uma delicadeza inexcelsivel. Duvidam, porque temos contado a seu respeito algumas anedotas que o apresentam como grosseiro? Pois fiquem sabendo que a tal respeito está completamente emendado, como se prova pelo seguinte caso:

Ha dias recebeu a visita d'um sujeito de cerimonia, em retribuição da que o Marques lhe fizera por occasião do falecimento d'um parente d'aquêle.

Depois de dois dedos de conversa, o sujeito vai retirar. Logo o Marques, solícito, quer acompanha-lo até á porta.

O sujeito:

—Ora essa! não é preciso... não se incomode.

O Marques, com toda a cortezia:

—Não é incomodo nenhum. Pelo contrario, é um prazer para mim!

Bocage e os medicos

(Continuação)

XXXII

Disse um dia o Fado á Morte Que chuchasse um tal doutor, Que ponha em cada receita Ao menos um estupor.

—Não ousou, responde a Parca, Ao teu mando obedecer, Se com medicos se mete Té pode a Morte morrer.

XXXIII

Uma d'estas que adoecem Porque um mosquito a mordeu Disse para um seu criado: —Chamem-me o doutor, mande.

Eis o Hipocrates, que abonam Honrosos cabelos brancos, E eis subitamente a dama Aos soluços e aos arrancos.

De onde lhe veio este excesso Na hipocratica presença? De estar doente deveras: E era o medico a doença.

(Continúa.)

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

6.ª PARTE

A ilha misteriosa ou o submarino

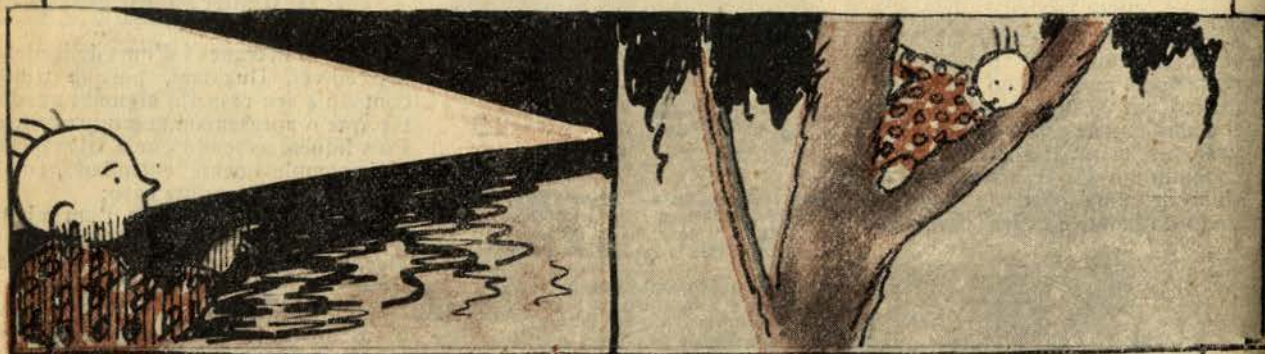
2.º EPISODIO

(CONTINUAÇÃO)



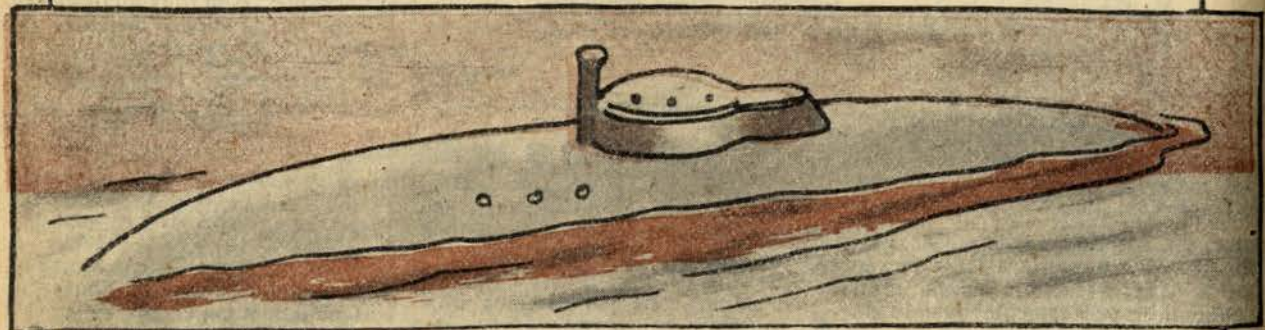
1.—Desembarcam n'uma ilha misteriosa e, vendo um olho desenhado n'um tronco de árvore, descobrem inteligentemente que ali perto anda a quadrilha

2.—Depois de minuciosas e inúteis investigações, deitam-se a descansar *sub tegmine fagi*.



3.—De subito, um intenso ralo luminoso envolve os manos.

4.—Logo Manecas trepa a uma árvore, a fim de examinar de onde vem o ralo e qual a sua causa.



5.—Vê que irradia d'um submarino de forma entre extraordinária e fantástica



6.—e queda-se, assim como o mano, em admiração perante o formidável aparelho, que ao longe surge ameaçador.

7.—pelo que ambos resolvem regressar apressadamente a Lisboa, pelo meio que teem á mão, isto é, a nado.

Continua).